DOI: 10.20396/cel.v67i00.8680168

DE NOME PLENO A CONJUNÇÃO CONTRASTIVA: ESTÁGIOS EVOLUTIVOS E CONTEXTOS DE USO DE *AO PASSO QUE* NA HISTÓRIA DO PORTUGUÊS

FROM FULL NOUN TO ADVERSATIVE CONNECTIVE: DIACHRONIC STAGES AND CONTEXTS OF USE OF *AO PASSO QUE* IN PORTUGUESE

Luísa Ferrari[1]
Sanderléia Roberta Longhin[2]

Resumo: Neste trabalho, está em foco a gênese de *ao passo que* como um novo marcador de contraste que renova os meios de expressão das relações de oposição antonímica em português. O objetivo maior é explicar como o nome pleno *passo*, que veicula significado referencial, indicativo de movimento no espaço, passou a expressar um significado procedural, gramatical e subjetivo. As explicações são buscadas à luz de duas questões principais: (i) qual o elo entre a semântica nominal e a semântica de contraste que teria possibilitado o trânsito histórico? (ii) que propriedades do nome *passo* o tornaram elegível a mudanças rumo ao paradigma dos conectores? Com viés pragmático diacrônico, a análise é baseada em duas amostras longitudinais, que recobrem o período do português antigo ao português moderno, e busca mapear estágios evolutivos a partir de contextos de uso, descritos nas dimensões semântica e distribucional. Concebendo-se a mudança linguística como um fenômeno essencialmente pragmático, que emerge no uso da língua e se materializa na contiguidade contextual, atribui-se prioridade à fluidez dos significados e das categorias. Os resultados mostram que o trânsito do nome pleno ao marcador de contraste é intermediado pela emergência de *ao passo que* como juntor subordinativo temporal. A partir desse estágio evolutivo intermediário, é possível construir as relações derivativas, que se revelam fundadas em uma estrutura *Gestalt*, de natureza metonímica, partilhada pelo significado de simultaneidade, no qual a perífrase temporal se especializa, e pelo significado de oposição.
Palavras-chave: mudança semântica; pragmática; contraste.

Abstract: This paper focuses on the development of *ao passo que* into a new contrast marker that renews the means of expression of antonymic opposition in Portuguese. The main purpose is to explain how *passo*, as a full noun that conveys the content meaning of spatial movement, comes to express a procedural, grammatical, and subjective meaning. Two research questions are pursued in order to account for the changes: (i) which relationship between the noun meaning and the contrast meaning has allowed for the diachronic development? (ii) what noun properties of *passo* made it prone to changes towards the class of connectives? The analysis is conducted from the perspective of diachronic pragmatics, on the basis of two diachronic corpora covering the period from Old Portuguese to Modern Portuguese. It aims to map evolutionary stages from contexts of use, taking into account both the semantic and the distributional dimensions. By conceiving language change as an essentially pragmatic phenomenon, which emerges

[1] Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), câmpus de São José do Rio Preto (SP, Brasil). luisa.ferrari@unesp.br.
Orcid: https://orcid.org/0000-0002-0384-4781.
[2] Professora assistente doutora em Linguística na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), câmpus de São José do Rio Preto (SP, Brasil). sanderleia.longhin@unesp.br.
Orcid: https://orcid.org/0000-0002-8702-0033.

through language use and materializes in contextual contiguity, the study emphasizes the centrality of the fluidity of meanings and categories. The results show that the shift from the full noun to the contrast marker is intermediated by the emergence of *ao passo que* as an adverbial subordinating connective. This intermediate stage in the evolutionary process paves the way for an account of the derivative relations, which have proven to rest on a *Gestalt* metonymic structure shared by simultaneity – the meaning which the subordinating conjunctional use specializes in – and opposition.
Keywords: Semantic change; Pragmatics; Contrast.

INTRODUÇÃO[3]

Este artigo[4] aborda um fenômeno de mudança linguística em que uma fonte nominal foi recrutada para a formação de um marcador de contraste. Relações de contraste dependem fundamentalmente de representações mentais e são construídas com base na exploração de diferenças, incompatibilidades ou conflitos entre entidades de algum modo comparáveis, do que resulta uma tipologia de contraste, cujos tipos mais comuns são contraste por oposição, por correção e por quebra de expectativa (Mauri, 2008). Pesquisas translinguísticas evidenciam a instabilidade inerente ao domínio de contraste e a remodelação recorrente de seus mecanismos de marcação (Meillet, 1912; Ramat e Mauri, 2011), que encontra fontes produtivas sobretudo nos domínios espaço-temporal (distância espacial, sobreposição e continuidade temporal), causal e comparativo.

Para expressão de relações contrastivas, o português dispõe de vários marcadores conjuncionais, preposicionais e adverbiais, que se convencionaram em períodos distintos da história da língua, a partir da reinterpretação de palavras e construções lexicais e/ou gramaticais. Nosso interesse, neste artigo, está na investigação de aspectos da gênese do marcador *ao passo que*, que articula construções especializadas na expressão de contraste opositivo, com a presença de antônimos semânticos, conforme (1).

(1) O acirramento das paixões chegou, aos poucos, a extremos sem precedentes e que provavelmente não mais se repetirão na história parlamentar do Império. Sobretudo porque em 1871 ainda era lícito confessar-se alguém, sem desdouro, contrário à emancipação, **ao passo que** em 1888, quando se tratar da abolição, já será preciso boa dose de coragem para remar contra a corrente. (20-2/21HGCB, 71)[5]

O nome *passo* tem origem latina (Lat. tardio, *passus-i*) e seu significado pleno de "medida do espaçamento entre as pernas" se mantém até hoje nas línguas filhas, o que o qualifica como um fenômeno panromânico (Ernout e Meillet, 1951, p. 848). No português moderno, as várias acepções nominais de *passo*, registradas em obras lexicográficas como extensões do significado fonte[6], coexistem com o marcador perifrástico *ao passo que*. A polissemia sincrônica de *passo*, considerada à luz de tendências translinguísticas em mudança semântica, que sustentam abstratização, subjetivização e ganho de conteúdo procedural (Kortmann, 1997; Traugott e Dasher, 2002), é indício de mudança diacrônica. Nessa perspectiva, o objetivo maior deste trabalho é alcançar uma explicação, respaldada em *corpora*, para fatos desse processo de

[3] Expressamos nosso agradecimento aos dois avaliadores anônimos que contribuíram para a melhoria deste trabalho.

[4] Este trabalho contou com apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), no âmbito dos processos 19/01411-0 e 20/03328-0.

[5] Na sequência de cada exemplo, apresentamos, entre parênteses, a procedência do dado. O primeiro número se refere ao século; já o segundo, sempre 1 ou 2, indica a primeira ou a segunda metade de cada século. As letras remetem às iniciais do título da obra, e a numeração final, após vírgula, indica o número do exemplar em nossa planilha de dados. A relação dos títulos dos textos com as respectivas abreviações é apresentada no Anexo.

[6] O Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa (2009) registra, por exemplo, *maneira de andar, marcha de qualquer animal, passagem estreita, bailado ou dança, caso, episódio, período, etapa, circunstância, situação.*

mudança, considerando duas questões centrais: qual o elo entre a semântica nominal e a semântica de contraste que teria possibilitado o trânsito histórico? que propriedades do nome *passo* o tornaram elegível a mudanças rumo ao paradigma dos conectores[7]?

A pesquisa foi conduzida com base em pressupostos da Gramaticalização (Bybee, 2010; Narrog e Heine, 2021) e da Teoria da Inferência Convidada (Traugott e Dasher, 2002), modelos fortemente pautados em mecanismos cognitivos e pragmáticos que permitem explicar como e em que condições construções linguísticas ganham em gramaticalidade, abstração e subjetividade. Dentre os preceitos que respaldam tais modelos, a construção do objeto de estudo deste trabalho é fundamentalmente baseada no pressuposto de que a mudança é gradual e emerge pela contiguidade contextual, a partir da associação frequente de uma fonte léxico-gramatical com contextos específicos. Dado esse pressuposto central, conduzimos uma análise alinhada à pragmática diacrônica, perspectiva metodológica que emprega um enfoque histórico-temporal a fenômenos pragmáticos (cf. Jacobs e Jucker, 1995; Hansen e Visconti, 2009). Isso significa que estará em foco o modo como as práticas de uso do marcador estudado evoluem ao longo do tempo, práticas que, metodologicamente, serão depreendidas a partir da operacionalização de tipos de contextos, em correlação com estágios de mudança. Conforme argumentam Jacobs e Jucker (1995, p. 6), é o viés pragmático diacrônico que fornece o material bruto para a reconstrução das mudanças da língua, sejam elas processos de gramaticalização ou de mudanças exclusivamente semânticas. Assim, ao privilegiarmos esse viés, assumimos que a explicação para a trajetória de *ao passo que* reside primariamente nos contextos que impulsionam e disseminam processos de inferenciação pragmática, condição crucial para a mudança.

O *corpus* do qual extraímos os dados empíricos históricos foi obtido de duas amostras longitudinais. Como nossas inspeções prévias apontavam a especialização de *ao passo que* como conector contrastivo em torno do século XVIII, elegemos como Amostra 1 *O Corpus Informatizado do Português Medieval* (https://cipm.fcsh.unl.pt/), que reúne textos do século XIII ao XVI, ao qual adicionamos textos do século XVII, extraídos do *Tycho Brahe* (https://www.tycho.iel.unicamp.br/corpus/). A Amostra 2 foi compilada por meio da ferramenta computacional *Sketch Engine* (https://www.sketchengine.eu/) e reúne textos dos séculos XVIII ao XXI, cuja seleção atendeu às seguintes diretrizes: temporal, delimitação de seis estados de língua, tomando intervalos de cinquenta anos; espacial, somente textos da variedade brasileira; e tradição discursiva, textos argumentativos e textos de conversação espontânea[8]. A relação dos textos que compõem a Amostra 2, com as respectivas siglas de referência, é apresentada em Anexo. A periodização do português segue Lindley-Cintra (Castro 2017, p. 147), que propõe quatro fases não discretas: português antigo (XIII a XV), português médio (XV a XVI), português clássico (XVI a XVIII) e português moderno (XIX a XXI).

O artigo está organizado como segue: na seção 2, esboçamos brevemente a tipologia de contextos que subsidia as análises e explicamos o modo como será operacionalizada; na seção 3, tratamos dos resultados do estudo da Amostra 1, em que flagramos os primeiros estágios de mudança do nome *passo*; na seção 4, focalizamos o estágio em que *passo* se convencionaliza como conector temporal *ao passo que*; e, na seção 5, o estágio em que evolui para conector contrastivo. Nas Considerações Finais, sistematizamos nossa explicação do percurso evolutivo de *passo* à luz dos fatos de mudança discutidos nas seções anteriores.

[7] Entendemos por juntor ou conector contrastivo um dispositivo de ligação que estabelece uma relação de contraste entre duas orações ou dois sintagmas, podendo conformar-se a uma conjunção, preposição, perífrase conjuncional ou preposicional ou expressão adverbial juntiva. À maneira de Mauri e Auwera (2012), assumimos que conectores contrastivos têm um componente conceitual, semanticamente codificado, que permite acessar modelos cognitivos de representação de mundo, e um componente procedural, dependente do contexto, que impõe restrições sobre como interpretar a junção dos conteúdos, levando a conclusões que não poderiam ser obtidas em sua ausência.

[8] Sob a denominação de tradições discursivas argumentativas, selecionamos ensaios críticos, dissertações, historiografias, memórias, sermões e discursos; e na tradição conversação espontânea, peças teatrais, romances e cartas. O número de palavras foi o critério utilizado para a quantificação dos materiais, em que definimos cerca de 600.000 palavras por estado de língua.

2. TIPOLOGIAS DE CONTEXTOS E A METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO

Na vertente teórica assumida, a pragmática tem centralidade na motivação e na condução dos estágios da mudança. Entendemos que os processos diacrônicos de evolução são acionados em contextos muito específicos por meio de enriquecimentos inferenciais que aliam fatores de ordem semântica e morfossintática a esquemas conceituais partilhados socialmente.

A literatura sobre mecanismos de inferenciação pragmática inclui tipologias de contextos em correlação com estágios de mudança. Nas várias propostas (Diewald, 2002; Heine, 2002; Traugott e Dasher, 2002; Mauri e Ramat, 2012), os contextos de polissemia são reconhecidos como o lugar privilegiado das mudanças. As propostas de Heine (2002) e de Diewald (2002), por exemplo, são bastante similares. Ambas preveem que a associação de uma construção a determinados contextos de uso pode resultar na absorção gradual de propriedades dos contextos pela construção, até o ponto em que ela passe a expressar as propriedades sem qualquer sustentação contextual. Há diferença, contudo, no modo de operacionalizar os contextos de polissemia: enquanto Diewald conjuga os níveis sintático e semântico, Heine enfatiza o semântico.

Mauri e Ramat (2012) reavaliam os modelos de Heine (2002) e Diewald (2002) para o estudo da constituição de marcadores contrastivos do italiano, propondo uma metodologia de análise que operacionaliza e combina duas dimensões contextuais: a semântica e a distribucional. À maneira das autoras, entendemos tais dimensões como relacionadas à emergência do processo de mudança, ainda que com papéis diferentes. Na dimensão semântica, o ponto de partida, rastreamos longitudinalmente os (i) contextos compatíveis apenas com o significado fonte, (ii) aqueles compatíveis apenas com o significado alvo e (iii) os duplamente compatíveis com fonte e alvo. Na dimensão distribucional, descrevemos as propriedades categoriais e sintáticas das construções de cada um desses contextos.

3. A FONTE NOMINAL E OS PRIMEIROS ESTÁGIOS DA MUDANÇA

A pesquisa na amostra de textos do português antigo e médio aponta para baixa frequência do nome *passo* com significado pleno de ‘espaço entre as pernas’, ‘movimento contínuo com os pés ao andar’, o que parece plausível dada a especificidade desse significado. Em contrapartida, verificamos a expansão de *passo* a novos padrões nominais e adverbiais, transitando pelas três categorias semânticas circunstanciais – espaço, tempo e modo –, conforme descrevemos a seguir. Os dados de (2) a (5) ilustram diferentes funcionamentos nominais, no domínio espacial. Em (2), *passo* tem o significado pleno; em (3), é unidade de medida que requer um numeral especificador; em (4), equivale a ‘caminho, passagem’ e necessita de complementação (*do rio*, nesse caso); em (5), é correlato enfático de partícula negativa e, como tal, tem traço semântico de quantidade mínima[9].

(2) (...) e assim se move com **passos** tão vagarosos, que ainda que ande quinze dias aturado, não vencerá distância de um tiro de pedra. (16-HSC)
(3) (...) e depois tornaua-se pera sua cassa de nocte. E era o caminho espaço de mil **passos**. (15-OE)
(4) E vemdo elrey Crisnarao sua determinação, passou a ribeyra con toda sua gente e allyfantes, e no **passo** do rio ouve grandes encontros d ambollas partes (16-CRB)
(5) Dom Estêvão achei noutro dia mui sanhudo depós um seu hom’ir; e sol **nom** lhi pôd’ um **passo** fogir (13-CEM)

[9] O uso enfático de *passo,* que perdurou durante todo o português antigo e médio (ver Quadro 1), é bastante similar ao uso enfático de *pas* (idem *passo*), do francês, que no período antigo foi recrutado para negação enfática escalar (negação de uma realização mínima) e, por meio de gramaticalização, tornou-se parte do marcador negativo descontínuo *ne...pas.*

Ainda como nome, em outro padrão de uso, *passo* experimentou uma considerável abstratização do significado de 'movimento no espaço' e tornou-se genérico e inespecífico, isto é, passou a funcionar como um nome *shell*, parafraseável por *situação, ocasião, ato, estágio, momento* (família *Oportunidade*, cf. Schmid, 2000). À maneira de Schmid (2000), assumimos que nomes *shell* caracterizam-se pela convergência de três funções: semântica, cognitiva e textual. A semântica diz respeito à relação estável que o nome tem com um tipo de experiência, a cognitiva refere-se à possibilidade de constituir formações conceituais temporárias a cada nova enunciação, e a textual refere-se ao potencial anafórico encapsulador, ou seja, a habilidade de englobar e referir um conjunto de informações e até mesmo parágrafos inteiros.[10] Como nome *shell*, *passo* necessita de alguma complementação que, nos dados, ora se resolve com a presença de um demonstrativo (*aquele, este, tal*), que torna evidente seu potencial anafórico encapsulador, conforme (6)-(8), ora com a adjunção de uma oração relativa, conforme (9).

(6) Estando a batalha **em tal passo** como vos cõtamos (14-CGE)
(7) E sobr'esto ouve conselho don Reimon Bonifaz e cõ [os] outros mareantes en que maneira lhe poderiam tolher **aquel passo**. (14-CGE)
(8) (...) deu com hũa espada per meyo da cabeça q(ue) lha femdeo ate çerca da boca. & sobre **este passo** disseram allgũs que Caudill nõ hera aquele que dom Duarte matou (15-CDPM)
(9) Cego para naõ ver o que lhe convém, surdo para naõ ouvir os ditames da verdade, mudo para naõ confessar seus pecados, ou só por ceremonia, & sem emenda: paralitico, & tolhido de mãos, & pés para naõ fazer acçaõ, nem dar **passo** que naõ seja para sua perdição. (17-SPV)

Em coexistência com as acepções nominais, *passo* atuou como advérbio e perífrase adverbial modal *passo a/em passo*, como (10)-(12), com valor de 'devagar, de modo vagaroso, gradual, cauteloso'. Como é típico da classe adverbial, *passo* apresenta-se morfologicamente invariável, podendo ser intensificado por *muito, tão.* Trata-se de um uso bastante difundido nos textos do período antigo.

(10) El Rey hia muyto **passo** pela cidade (15-CDJ)
(11) Compre, pera sse melhor entender, de se leer todo de começo, **passo**, e pouco de cada hũa vez. (14-LC)
(12) & assy se vierã **passo a passo** ate o Porto do Lião, omde ja o comde estava esperãdo. (15-CDPM)

Em outro padrão adverbial, em contexto de sintagma preposicional, com ou sem modificadores, *passo* é reinterpretado como locução adverbial de valor temporal, com acepção de *momento, fase, estágio, etapa, ritmo*. Alguns dados da locução ainda mostram fluidez entre as noções de espaço e tempo (sucessão de movimentos no espaço > sucessão de momentos no tempo), como em (13) e (14), a seguir, em que o determinante *cada* acentua a repetição de intervalos espaço-temporais regulares. Contudo, predominam nos dados duas acepções temporais, sucessão e simultaneidade. Em (16) e (17), sobressai a sucessão de intervalos temporais, já em (15), o modificador *igual* contribui para a expressão de identidade de ritmo, coincidência de tempos, simultaneidade; (18) também expressa simultaneidade, mas mostra uma particularidade: a expressão adverbial encabeça um complexo oracional (*no mesmo momento em que voltou os olhos, ficou ali convertida*), com evidente expansão de seu escopo. Em (19), *ao mesmo passo* atua como correlato enfático da oração temporal antecedente, prefaciada pela perífrase *tanto que*, que tinha acepção temporal. Nesse último dado, a noção de simultaneidade temporal ganha nuanças de modo 'lento', 'gradual' (traço partilhado com o advérbio *passo*), corroborado por dois correlatos contextuais, o gerúndio e a expressão *pouco a pouco.*

[10] Schmid reconhece para o inglês uma tipologia extensa de nomes *shell*, mais e menos típicos, que podem ser organizados em seis classes, distribuídos por grupos e famílias. Para Schmid, *step* do inglês (port. *passo*) figura na classe dos nomes *Modais*, grupo *Dinâmicos*, família *Oportunidade*, subtipo *Temporal*: 'tempo', 'estágio', 'momento'.

(13) (...) fugindo com a maior pressa que pude, e indo eu assim tão desatinado com grande medo que levava, que não sabia por onde ia como quem vira a morte diante dos olhos, e **a cada passo** cuidava que a tinha comigo (16-P)
(14) (...) e quando o viraõ subir, e as continências, e mudanças que os Gigantes **a cada passo** faziaõ; ficaraõ espantados, (16-IC)
(15) Apontou-lhe donde determinava dar-lhe renda que logo fosse servindo pera a fábrica, e juntamente pera sustentação dos que houvessem de assistir nela, e no trabalho da pregação e doutrina, que **a passo igual** queria que começasse. (16-VFB)
(16) (...) por a seguir em as aparências, tropeça **a cada passo** em desatinos. (17-CANI)
(17) E posto que nam tornou a entrar, de fora lhe apparecia, & o ameaçaua **a cada passo**. (17-VVP)
(18) (...) mas a Escritura Sagrada nos diz que he a mulher de Loth, a qual porque quiz ver o que naõ podia conforme o preceito do Anjo, **no mesmo passo em que** voltou os olhos para ver o incêndio das Cidades infames, alli ficou convertida em estatua de sal. (17-SPV)
(19) (…) & foraõ senhores do mundo, porém tanto que a inteireza da justiça se foy corrompendo pouco a pouco, **ao mesmo passo** enfraqueceraõ as forças, desmayaraõ os brios, & vieraõ a pagar tributo os que o receberaõ de todas as gentes. (17-SPV)

No Quadro 1, elaborado a partir da identificação dos diferentes padrões funcionais de *passo* na Amostra 1, sinalizamos os estados de língua em que cada padrão foi documentado.

Quadro 1: Padrões funcionais de *passo* no português antigo e médio

Categoria	**Padrão funcional**	**XIII**	**XIV**	**XV**	**XVI**	**XVII**
ESPAÇO	Nome *espaço compreendido entre o afastamento das pernas*	√	√	√	√	√
	Nome *medida, delimitação*			√	√	
	Nome *passagem, caminho, estrada*			√	√	
	Nome *reforço de negativa*	√	√	√	√	√
RELACIONAL (SHELL)	Nome *fato, ato, momento, evento, ritmo*		√	√	√	√
ESPAÇO/TEMPO	Locução adverbial espaço-temporal *movimento; momento, fase, etapa, estágio; ritmo*				√	√
MODO	Advérbio *devagar*	√	√	√	√	
	Locução adverbial modal *passo a/em passo* *lentamente, gradualmente, com precaução*	√	√	√	√	√

A investigação conduzida nos textos mais antigos, de que o Quadro 1 é síntese, traz indícios que ajudam a compreender aspectos do percurso evolutivo de *passo*. Um deles é o de que a mudança não se processou diretamente de nome a conector contrastivo, mas o nome pleno *passo* experimentou uma série de transformações que foram decisivas para torná-lo apto à função de conector contrastivo. A generalização semântica de *passo*, que se processou cedo (século XIV), foi fundamental para a expansão dos usos, pois a perda de traços semânticos relativos ao movimento no espaço, não mais restrito àquele executado com os pés, conferiu a *passo* um estatuto relacional, de nome *shell*, com significação inespecífica de *ato, momento, evento, ritmo*, que pressupõe movimentos de natureza diversa. Assim, na função *shell*, *passo* mobiliza uma espécie de 'lacuna' a ser saturada em cada contexto de uso e essa saturação se realiza de modo variável (por exemplo, *naquele passo, este passo, em tal passo, passo de..., passo que...*). Quando

saturado contextualmente, *passo* mostra potencial juntivo, passível de apreensão na propriedade do encapsulamento anafórico e na habilidade de selecionar oração, que podem ser conferidas, respectivamente, nos exemplos em (6) e (9), citados anteriormente.

A emergência da locução adverbial espaço-temporal foi documentada só mais tardiamente, a partir dos textos do século XVI. O trânsito semântico de espaço a tempo, que nesse caso se traduz em uma projeção de sucessão de movimento no espaço à sucessão de movimento no tempo, está entre os mais previsíveis e atestados em perspectiva translinguística (Heine *et. al*. 1991; Bybee, 2010; Narrog e Heine, 2021). Conforme nossos dados, a locução se especializa na expressão de tempo, que pode ser sucessivo ou simultâneo. Além da mudança semântica em direção ao domínio temporal, a reinterpretação de sintagma preposicional com *passo* em locução adverbial indicia outros estágios importantes para a evolução, tais como a perda de propriedades nominais de *passo*, nesse caso, a flexão em número, e o alargamento do escopo da locução, com possibilidade de seleção oracional (rever (18)). Na próxima seção, examinamos mais um estágio de mudança, em que a locução adverbial é reinterpretada como conjunção subordinativa temporal, com crescente fixação sintática e semântica.

4. UM ESTÁGIO DE GRAMATICALIZAÇÃO: A EMERGÊNCIA DA PERÍFRASE TEMPORAL *AO PASSO QUE*

A simultaneidade temporal característica da locução adverbial, documentada a partir do português médio, é o componente de significado elementar da perífrase conjuncional temporal *ao passo que*, cujos primeiros registros, em nossos dados, foram verificados a partir da segunda metade do século XVIII. O vínculo derivativo entre as locuções adverbial e conjuncional se mostra não só no elo semântico, mas também no contexto de sintagma preposicional, no alargamento do escopo e na possível seleção de conteúdos proposicionais iniciados por *que*, que constatamos nos dados dos séculos XVII e XVIII.

A evolução ao estatuto conjuncional implicou um conjunto de alterações que, nos termos de Kortmann (1997), apresentam-se como condições para a formação de conectores perifrásticos, a saber, a fusão das partes em uma única palavra morfológica, a perda de propriedades do sintagma original e a perda de composicionalidade. Os dados evidenciam que, no uso conjuncional, *ao passo que* já não admite modificadores, perde as possibilidades de ordenação oracional, ficando restrito à posição inicial, articula duas proposições, *p* e *q*, estabelecendo entre elas uma relação temporal de tipo específico, simultaneidade com duração (SIDUR, cf. Kortmann, 1997, p. 84), em que *p*, introduzida por *ao passo que*, estabelece um intervalo temporal em que *q* é verdadeira, parcial ou integralmente. Os dados de (20) a (23), a seguir, são representativos do funcionamento conjuncional de *ao passo que.*

(20) He muito curioso o que se passa acerca de Cada hum destes pães. Apenas estas formas estão Sobre suas panellas ou potes, o mellasso entra a escorrer. As primeiras gotas, que descem pela ponta, obrão sobre a massa que está na parte superior, e a mais larga, huma leve mudança de côr. Então toda a massa, que até essa hora parecia ser avermelhada, começa a betar-se ou manchar-se de branco. **Ao passo, que** o mellasso vai escorrendo pouco a pouco, se vai augmentando o branco da massa, (…). (18-2FBI2, 9)

(21) A da calda e do farol sendo, depois da de bater, as caldeiras que se aquentão mais e mais promptamente, as materias feculentas se separão do succo espremido, apresentão-se á superficie, e são separadas pela escumadeira, debaixo do nome de escumas. Logo o succo entra em ebullição, ou fervura, então, tiradas todas as escumas grossas se despeja a de bater (...). A *aceada*, e a grande, se aquentão successivamente e se lhe tirão as escumas, **ao passo que** ellas vem apparecendo na sua superficie. (18-2FBI2, 13)

(22) A filha estava ainda qual a deixámos no capitulo XLXIII, com a differença que os quarenta annos vieram. Quarentona, solteirona. Gemeu-os comsigo, logo de manhã, no dia em que os completou; não poz fita nem rosa no cabello. Nenhuma festa; tão somente um discurso do pae, (...). D. Tonica mal podia ouvil-o; mettida em si mesma, ia roendo o pão da solitude

moral, **ao passo que** se arrependia dos últimos exforços_empregados na busca de um marido. Quarenta annos; era tempo de parar. (19-2QUBO, 71)

(23) E as lavadeiras não se calavam, sempre a esfregar, e a bater, e a torcer camisas e ceroulas, esfogueadas já pelo exercício. **Ao passo que**, em torno da sua tagarelice, o cortiço se enbandeirava todo de roupa_molhada, donde o sol tirava scintillações de prata. (19-2OCOR, 46)

Como se pode observar nos exemplos, o aspecto durativo é frequentemente corroborado por outros traços contextuais, como a presença de gerúndio (*vai escorrendo; vem apparecendo*) e de morfologia verbal de imperfectivo (*se arrependia; se enbandeirava*), além de expressões adverbiais (*pouco a pouco; sucessivamente*). Conformando-se a características típicas de adverbiais temporais, as orações com *ao passo que* mostram variação de ordem, com posição anterior ou posterior à oração nuclear, como em (20) e (21), respectivamente; e se especializam na condução de informação contextualmente dada, conhecida, como em (20), em que a informação introduzida por *ao passo que*, a saber, que *o mellasso vai escorrendo pouco a pouco*, equivale a conteúdo já presente no cotexto anterior: *o melasso entra a escorrer.*

5. A EMERGÊNCIA DA PERÍFRASE CONTRASTIVA *AO PASSO QUE*

Em consonância com o viés pragmático diacrônico assumido, investigamos o trânsito de tempo a contraste pelo viés da contiguidade contextual, em um percurso de análise que buscou avaliar o peso dos traços contextuais para a reanálise semântica e o papel do significado temporal para a habilitação de tais contextos. Para exposição, a estratégia que adotamos para esmiuçar os caminhos de especialização do padrão temporal ao contrastivo consiste em primeiramente caracterizar os usos contrastivos de *ao passo que* – conforme a metodologia adotada, os contextos compatíveis apenas com significado alvo – e, a seguir, as construções que, segundo nossos dados, constituem os contextos que nos fornecem o lugar privilegiado de observação dos processos de enriquecimento pragmático – aqueles que mostram compatibilidade com ambos os significados fonte e alvo. Na Tabela 1[11], a seguir, apresentamos a frequência longitudinal dos três tipos de contextos, a partir do século XVIII.

Tabela 1. Tipos de contextos à luz da compatibilidade semântica

	18-1	**18-2**	**19-1**	**19-2**	**20-1**	**20-2/21**
Contextos compatíveis com fonte	0	6 (60%)	3 (23%)	5 (10,6%)	2 (8%)	0
Dupla compatibilidade	0	1 (10%)	5 (38,5%)	34 (72,4%)	16 (64%)	11 (57,9%)
Contextos compatíveis com alvo	0	3 (30%)	5 (38,5%)	8 (17%)	7 (28%)	8 (42,1%)
Total	0	10 (100%)	13 (100%)	47 (100%)	25 (100%)	19 (100%)

Como sugere a Tabela 1, *ao passo que* tem atravessado forte especialização contrastiva no português moderno, uma vez que, no último estado de língua, todas as ocorrências fornecidas pelo *corpus* exibem compatibilidade com o significado alvo, seja exclusiva ou conjunta com o significado fonte. O percurso evolutivo mostra, portanto, a tendência ao desaparecimento dos

[11] A Tabela 1 mostra exclusivamente a frequência dos três contextos semântico-pragmáticos diretamente envolvidos na emergência dos usos de *ao passo que* como conector contrastivo, por isso apresenta uma quantidade mais reduzida de dados. O conjunto de dados que constitui a tabela faz parte de uma pesquisa maior (cf. Ferrari, 2024), em que a trajetória de *ao passo que* foi investigada conjuntamente com outras três trajetórias evolutivas de conectores contrastivos. Entre as quatro trajetórias estudadas, a de *ao passo que* foi a que apresentou a menor frequência de dados, aspecto quantitativo que é, por si só, cientificamente relevante, podendo ser reflexo da competição de *ao passo que* sobretudo com *enquanto (que)*, que mostra uma rede polissêmica bastante similar à de *ao passo que* no PB contemporâneo, inclusive como conector temporal.

contextos que teriam atuado como estágio intermediário no trânsito de nome pleno a perífrase juntiva contrastiva. De fato, como se observa na Tabela 1, parece que *ao passo que* apresentou associação com contraste tão logo surgiu como marcador temporal: ainda que em menor frequência, os contextos de dupla compatibilidade e aqueles apenas compatíveis com contraste já estão presentes em XVIII/2, quando documentamos as primeiras ocorrências da perífrase temporal.

O pico de frequência da dupla compatibilidade na segunda metade do século XIX pode ser sugestivo de um estado de língua particularmente relevante para a transição de significados. Neste trabalho, entretanto, concentramos as explicações na descrição dos tipos contextuais, devido às particularidades da trajetória multifacetada revelada por *passo*. Conforme a estratégia expositiva mencionada, apresentamos de (24) a (26) exemplares das construções contrastivas com *ao passo que:*

(24) Conhece-se facilmente que devem haver muitas qualidades differentes destes mascavados, conforme a qualidade do terreno que produzio as Canas, e conforme a mestria, ou destreza do Refinador - que souber desengordurar melhor a calda ou mel, e cozello até hum ponto conveniente e ultimamente conforme o tempo, se a grã purgar mais ou menos o seu melasso: por quanto hum bello mascavado póde dar mais de duas quintas partes de Assucar branco, **ao passo que** outros se desfazem, e decahem totalmente em melasso (mel do tanque). (18-2FBI2, 7)

(25) Dest'arte se explica o facto que se observa constantemente no mundo das letras: um pedaço de prosa dos melhores mesmos, lidos por um amigo do autor, affecta de modo agradável, **ao passo que**, lido por um inimigo, produz effeito diverso. (20-1CSCA, 120)

(26) É em suma a teoria que Landulfo expusera seis anos antes, mas para condená-la, **ao passo que** o novo libelista trata de coonestá-la por julgar D. Pedro o "mais brasileiro dos brasileiros, o mais liberal dos liberais". (20-2/21HGCB, 66)

É característico da conexão contrastiva com *passo* uma comparação fundada em aspectos de desigualdade. Como as relações de contraste dos vários tipos são inerentemente comparativas (Mann e Thompson, 1988; Schwenter, 1999; Lang, 1984; Mauri, 2008), temos na desigualdade uma propriedade fundamental para a verificação do estatuto contrastivo de *ao passo que* em dados como (24) a (26). O componente comparativo está intimamente ligado à consonância dos conjuntos[12] a um integrador comum (Lang, 1984), entidade conceitual que os une a um núcleo comum de significado. A possibilidade de extrair esse núcleo conceitual das novas construções com *passo* sugere sua especialização na expressão de contraste por meio da coordenação, entendida aqui como uma relação fundada em simetria funcional, que se manifesta na existência de paralelismos cognitivo, pragmático e semântico entre os conjuntos coordenados (Cristofaro, 2003; Mauri, 2008).

Tendo em vista o papel central que a noção de integrador comum terá na reconstrução diacrônica que propomos para a trajetória de *passo*, expomos a seguir dois preceitos fundamentais a partir dos quais Lang (1984) a sustenta. Segundo o autor, a interpretação das relações coordenativas em geral passa pela operação simultânea de dois efeitos distintos, mas relacionados, sobre os conjuntos coordenados:

> (i) um Integrador Comum (IC) é uma entidade conceitual que engloba os significados dos conjuntos de forma que as entidades neles representadas se configuram como instâncias desse IC;
> (ii) dentro do domínio delimitado pelo IC, as entidades representadas pelos significados dos conjuntos são postas em uma relação específica, de acordo com o significado particular do conectivo presente (Lang, 1984, p. 71, tradução nossa).

[12] Neste trabalho, optamos por fazer referência às orações e períodos ligados pela perífrase como conjuntos em decorrência da composição variável das construções. O termo vai ao encontro da terminologia utilizada por Lang (1984), que norteia nosso entendimento das relações de contraste.

Conforme tais premissas, os dois efeitos gerados podem ser compreendidos como dois tipos de relações entre os conjuntos: uma relação que emerge entre eles na contiguidade linguística, explicitada pelo significado do conectivo, e uma relação de natureza latente que ambos mantêm com o integrador comum. No caso da conexão estabelecida por *ao passo que*, a primeira consiste na relação de contraste, e a segunda é particular de cada construção, pois, conforme Lang (1984, p. 70), ela difere do significado de cada conjunto, dado que o IC é extraído do significado de toda a construção coordenada.

Em (24), o IC da relação contrastiva instanciada por *ao passo que* pode ser definido como o *rendimento do açúcar mascavo*, que é algo apresentado como dependente da qualidade do cultivo e do trabalho de refinamento. Embora esse núcleo conceitual possa ser deduzido do próprio contexto linguístico anterior (cf. *qualidades diferentes destes mascavados, conforme a qualidade do terreno* [...] *e conforme a maestria ou destreza do refinador* [...]), ele não está explícito na construção perifrástica, justamente porque cada conjunto da construção instancia, ou exemplifica, o integrador comum de uma forma diferente, ou seja, em (24), cada conjunto expressa um padrão específico de rendimento do açúcar (*mais de duas quintas partes de açúcar branco*; *se desfazem e decaem em melaço*) em relação às diferentes circunstâncias de produção. Em (25), o IC consiste no *julgamento direcionado a um texto em prosa*, apresentado como dependente das relações interpessoais entre autor e leitor. Nesse caso, os dois quadros contingentes apresentados na construção com *ao passo que*, isto é, *lido por um amigo* e *lido por um inimigo*, e seus respectivos efeitos, são referidos como um só 'fato' no conteúdo prévio. O uso de *fato*, no singular, como *shell*, é marca linguístico-gramatical que evidencia a unidade conceitual latente na construção contrastiva. Em (26), os conjuntos se voltam a *deliberações aplicadas a uma teoria*, cuja relação contrastiva é resultado de diferenças em atitudes subjetivas dos indivíduos que as implementam.

A observação de como o IC se manifesta nos dados permite apreender o tipo de contraste em que a perífrase *ao passo que* parece se especializar. Nos casos focalizados de (24) e (26), os núcleos das entidades conceituais se associam a outras variáveis que também participam da relação de contraste e contribuem para o modo como o IC é instanciado em cada conjunto. Tais variáveis são, respectivamente, a qualidade do cultivo e refinamento, a relação interpessoal e a opinião sobre a teoria em pauta. As construções instauram uma oposição entre, pelo menos, dois elementos, formando dois pares de opostos: em (24), (i) *belo mascavado* (passou por um processo de produção de qualidade) se opõe a *outros* (não receberam tratamento de qualidade) e (ii) *dão mais de duas quintas partes* (têm bom rendimento) se opõe a *se desfazem e decaem* (não têm bom rendimento); em (25), a oposição é construída entre (i) *leitura por amigo* e *leitura por inimigo*, bem como entre (ii) *efeito agradável* e *efeito diverso*; e, em (26), (i) *Landulfo* está em oposição com *o novo libelista*, assim como (ii) *condena* forma um par de oposição com *honra*.

O traço peculiar do contraste via oposição antonímica, amplamente reconhecido na literatura (Lakoff, 1971; Ducrot, 1977; Lang, 1984, 2000; Mauri, 2008), é a presença, em ambos os conjuntos, de expressões lexicais que tornam a relação conflituosa mais explícita e facilitam a identificação dos elementos postos em oposição, um cenário diferente, por exemplo, do contraste fundado em quebra de expectativa, que depende de uma relação fortemente pragmática entre os conjuntos relacionados e uma suposição normalmente não explícita no contexto linguístico.

Como argumenta Lang (2000), ainda que construído por meio de estruturas léxico-gramaticais que facilitam o reconhecimento das bases do conflito, o contraste por oposição também depende de processos inferenciais, porque é, antes de tudo, uma relação coordenativa e, como tal, baseia-se em um IC. Nas construções de oposição com *ao passo que* – assim como nas construções de oposição em geral –, o IC corresponde a núcleos conceituais que não estão explícitos na construção perifrástica e que diferem do significado particular dos conjuntos relacionados. Dessa forma, de (24) a (26), os conceitos de rendimentos, julgamentos e medidas deliberadas, que são centrais nos IC, configuram unidades de significado partilhadas entre os conjuntos, mas não explícitas na construção linguística: são, ao contrário, inferidas a partir dos significados de cada conjunto e da relação que mantêm um com o outro. Trata-se, assim, de um processo interpretativo também fundado em inferências pragmáticas.

A natureza fortemente pragmática dos significados contrastivos coloca em evidência o quão crucial é o significado dos conjuntos para a construção do significado do próprio conectivo

que torna a relação entre eles explícita. Nesse sentido, para compreender o que motiva a sinalização de contraste por meio de uma perífrase já convencionalizada na língua como temporal, é preciso entender de que maneira o conteúdo dos conjuntos por ela relacionados no padrão temporal difere do conteúdo dos conjuntos que vincula em seus usos contrastivos. Nas etapas iniciais do estudo das construções com *passo*, a hipótese inicial foi a de que o tipo de estados-de-coisas entre os quais *ao passo que* estabelece relação teria se tornado mais abstrato no percurso do padrão temporal ao contrastivo. Conduzimos, então, uma análise quantitativa, em viés diacrônico (Amostra 2), dos tipos de processos relacionados em ambos os padrões, mobilizando para tanto as categorias propostas por Halliday e Matthiessen (2004), que tomam como parâmetro norteador a semântica verbal, reveladora dos tipos diversos de experiências vivenciadas pelos indivíduos em sua relação com o mundo.

A investigação empírica refutou nossa hipótese. Em ambos os usos temporal e contrastivo de *ao passo que*, prevalece a ligação entre processos que, nos termos de Halliday e Matthiessen (2004), representam experiências que têm lugar na realidade externa aos indivíduos (expressas por verbos como *andar, caminhar, cozinhar, falar*, etc.), normalmente disponíveis à observação objetiva no mundo sociofísico. Por exemplo, os dados de (24) a (26) são representativos de três diferentes categorias de processos: materiais, mentais e comportamentais, respectivamente. Em (24), os processos pertencem ao tipo material, porque se referem a mudanças dinâmicas observáveis no mundo (nesse dado, provocadas pela ação humana). Em (25), processos tipicamente mentais estão em relação porque correspondentes a experiências do mundo mental subjetivo – nos termos dos autores, o mundo da consciência (*world of consciousness*) –, que se desenvolvem no âmbito da percepção, emoção e imaginação (Halliday e Matthiessen, 2004, p. 170). Já em (26), *ao passo que* relaciona processos comportamentais, que constituem manifestações externas de operações do mundo interno (por exemplo, as emoções), situando-se na fronteira entre os processos materiais e mentais.

Se construções similares a (24) são as que prevalecem nos usos contrastivos de *ao passo que*[13], é outro aspecto dos conjuntos, que não a natureza mais ou menos objetiva/subjetiva dos processos postos em relação, que fornece as bases para a interpretação em termos de oposição. Nossa análise revela que *ao passo que* adquire valor contrastivo em contextos nos quais os estados-de-coisas mantêm uma relação exatamente oposta àquela observada nos usos temporais: mostram-se afastados nos domínios do espaço e tempo, e, na grande maioria dos dados, tal afastamento está explicitamente demarcado por meio de expressões adverbiais temporais e locativas. Dessa forma, a perífrase atravessa um percurso que vai da simultaneidade à oposição temporal, apoiando-se nesta para exprimir a oposição conceitual entre os estados-de-coisas. Se há distanciamento temporal, o significado fonte fica bloqueado, o que permite constatar que os contextos contrastivos com *passo* correspondem, na tipologia contextual adotada, aos contextos compatíveis apenas com o significado alvo.

Segundo os dados, o afastamento nos domínios do espaço e do tempo se manifesta pelo menos de três formas diferentes, que variam em termos da natureza das expressões que tornam o distanciamento sociofísico entre os estados-de-coisas explícito: (i) a distância é explicitada por expressões adverbiais tanto locativas como temporais, (ii) a distância é especificada apenas por meio de referência temporal (e o distanciamento espacial pode ser deduzido como consequência) e (iii) a distância não está explícita em referências temporais ou locativas factuais, mas deriva da oposição entre construções condicionais, que instauram quadros circunstanciais contingentes. A seguir, os dados em (27) a (29) ilustram esses cenários, respectivamente. Utilizamos grifos para destacar as expressões que constituem elementos nucleares nos pares de opostos instanciados.

(27) Mas não vem fora de propósito notar que em Venezuela a constituição que prohibe, em termos explícitos, o Governo Federal intervir, quaesquer que sejam as perturbações, que occorram em algum Estado, ainda hoje continua em vigor; **ao passo que** na Columbia,

[13] Mesmo no último estado de língua investigado, no qual o estudo mostrou uma distribuição maior entre as categorias de processos que podem ser relacionados por *ao passo que*, a segunda categoria mais frequente é a de processos relacionais, que, conforme Halliday e Matthiessen, têm grande proximidade com os processos materiais.

em que a constituição não estabelecia prohibição alguma sobre a intervenção, bastaram apenas vinte e três annos para que a fôrma unitária fosse substituída á federativa, e os antigos Estados transformados em simples departamentos, administrados por governadores de nomeação do chefe do Poder executivo!... (20-1ESL, 94)

(28) Repetia-se agora, em proporções semelhantes, a situação que existiu antes da dissolução de 1863: a Câmara repartida entre dois blocos quase equivalentes. Com uma diferença: em 1863 digladiaram-se conservadores rubros, de um lado, e, de outro, ligueiros, **ao passo que** desta vez a luta, ainda que por vezes dissimulada, é essencialmente entre progressistas e liberais históricos. (20-2/21HGCB, 63)

(29) Se a terra he dura, secca, e cansada, (...), a raiz principal he destituída de forças para a furar, e penetrar, vendo-se obrigada a curvar-se sobre si mesma, donde vem, que, não encontrando a frescura, e gordura, de que tem mister, se secca logo, e a árvore, que ella sustenta, acontece o mesmo, **ao passo que**, quando encontra huma terra nova, que não tem sido calcada; e que ainda tem toda a sua força, ella a penetra facilmente, alarga-se, e se fortifica. (19-1FBIII3, 90)

A análise mostrou que o segundo e o primeiro tipo de relação espaço-temporal, nessa ordem de importância, são os mais frequentes nas construções contrastivas com *ao passo que*. Em casos como (27) e (28), o tempo e o espaço, que, lembramos aqui, são uma variável constante entre os conjuntos relacionados nas construções temporais, estão justamente entre os pares de opostos que, no domínio do IC, divergem de um conjunto ao outro, passando a configurar, assim, uma variável não constante entre eles: *em Venezuela* vs *na Colômbia*, *hoje* vs *vinte e três anos*; *em 1863* vs *desta vez*.

Já em casos como (29), grupo em que se incluem também (24) e (25), não há uma oposição entre localizações temporais precisas, tal como se observa nos exemplos (27) e (28) – além de (26) acima –, mas a independência sociofísica entre os estados-de-coisas decorre do fato de que são contingentes a quadros circunstanciais incompatíveis, construídos por estruturas linguísticas condicionais. A oposição, portanto, é aqui fundada em estados-de-coisas não factuais, que não encontram possibilidade de sobreposição sociofísica justamente porque cada um é válido apenas no âmbito do cenário contingente a que está associado. Em (29), por exemplo, o valor contingente dos estados-de-coisas é delimitado nas orações introduzidas por *se* e *quando* (*se a terra é dura, seca e cansada* (...) vs *quando encontra uma terra nova*)[14], que designam condições opostas para a penetração da raiz no solo.

O processo de desintegração entre os estados-de-coisas relacionados por *ao passo que*, observado no trânsito de tempo a contraste, está imbricado a uma mudança maior que afeta o nível funcional em que *ao passo que* atua e que constitui tendência ampla na mudança de significado: a tendência de formas linguísticas que desempenham funções no nível do conteúdo, mais referencial, desenvolverem funções no nível do texto, mais procedural (Traugott e Dasher, 2002; Diewald et al., 2009).

Ao indicar a coexistência temporal e, quase categoricamente, a proximidade espacial entre os estados-de-coisas, o significado original da perífrase situa-se no nível do conteúdo porque expressa a relação entre eles no mundo sociofísico – designa a estrutura do evento (Traugott e Dasher, 2002, p. 10), uma espécie de 'organização' do mundo externo. Já nos usos contrastivos, os estados-de-coisas perdem a contiguidade sociofísica, mas adquirem uma nova forma de integração, baseada no texto e no discurso: *ao passo que* indicia uma relação de oposição entre partes do texto – a estrutura do discurso (idem) –, e, ainda, conforme as duas operações instanciadas nas construções coordenadas (Lang, 1984), a conexão dessas partes a um IC,

[14] Há casos, como (24) acima, em que a condicionalidade está menos explícita, mas ainda contribui para a interpretação contrastiva da relação estabelecida por *ao passo que*. No exemplo, os sujeitos de cada conjunto – *um belo mascavado* e *outros* – remetem a situações contingentes específicas que foram apresentadas no contexto linguístico anterior: (...) *conforme a qualidade do terreno que produziu as canas, e conforme a maestria ou destreza do refinador* (...). No domínio dessas condições, é possível compreender que *um belo mascavado* remete a um cenário contingente favorável, pautado na qualidade do terreno e do trabalho do refinador, enquanto *outros* se refere à situação oposta, em que não há qualidade.

enquanto entidade conceitual que emerge de processos de inferenciação pragmática. Nesse novo domínio funcional, a perífrase expressa, acima de tudo, uma atitude subjetiva do falante/escrevente sobre a relação entre os estados-de-coisas, que orienta o ouvinte/leitor a interpretá-la não só como uma relação de oposição, mas como uma relação de oposição especificamente no domínio do IC por ele estabelecido, isto é, no âmbito de seu recorte subjetivo da realidade.

Caracterizadas as construções de contraste com *ao passo que* e observadas suas similaridades e divergências em relação às temporais, apresentamos de (30) a (33) as construções que, em nossos dados, representam os contextos de dupla compatibilidade, que teriam levado à reanálise do significado de *ao passo que*. Novamente, destacamos algumas das expressões decisivas na formação dos pares de opostos.

(30) Os imensos e incriveis recursos pecuniarios que apresentou a soberba Inglaterra durante a Revolução Franceza, **ao passo que** as mais vastas e poderosas Monarquias Continentais se axavão esgotadas, (...). (19-1MNAIEA, 78)

(31) A Florinda, alegre, perfeitamente bem com o rigor do sol, a rebolar sem fadigas, assoviava os chorados e lundus que se tocavam na estalagem, e junto dela, a melancólica senhora Dona Isabel suspirava, esfregando a sua roupa dentro da tina, automaticamente, como um condemnado a trabalhar no presidio; **ao passo que** o Albino, saracoteando os seus quadris pobres de homem lymphatico, batia na taboa um par de calças, no rhythmo cadenciado e miúdo de um cozinheiro a bater bifes. (19-2OCOR, 47)

(32) E **ao passo que** os irmãos ficavam senhores de boas fortunas, Gustavo nada mais herdava que a pecha de bastardo! Filho pelas leis naturaes, era tido como estranho pelas leis sociaes!... (19-2OVM, 19)

(33) E o curioso é que, quanto mais ia elle cahindo nos usos e costumes brasileiros, tanto mais os seus sentidos se apuravam, posto que em detrimento das suas forças phisicas. Tinha agora o ouvido menos grosseiro para a musica, comprehendia até as intenções poéticas dos sertanejos, quando cantam á viola os seus amores infelizes; (...).
Ao passo que com a mulher, a S'óra Piedade de Jesus, o caso mudava muito de figura. Essa, feita de um só bloco, compacta, inteiriça e tapada, recebia a influencia do meio só por fora, na maneira de viver, conservando-se inalterável quanto ao moral, sem conseguir, á semelhança do esposo, afinar a sua alma pela alma da nova pátria que adoptaram. (19-2OCOR, 54)

Conforme os exemplos, a dupla compatibilidade de significados se alicerça em uma relação comparativa, com feição opositiva, entre estados-de-coisas que se sobrepõem em um dado intervalo temporal, o que evidencia a presença de traços de ambos os padrões funcionais da perífrase: do padrão temporal, mantêm a relação de simultaneidade entre os estados-de-coisas; do padrão contrastivo, já apresentam uma relação baseada em um IC. Os estados-de-coisas relacionados em tais contextos mostram-se, portanto, integrados tanto em um cenário sociofísico – a integração no nível de conteúdo – como no domínio contrastivo delineado por um IC – a integração no nível do texto.

Há um traço contextual decisivo para a emergência de um IC nos contextos em análise, que pode ser tido como sua principal diferença em relação aos contextos compatíveis apenas com o significado fonte. No padrão temporal, verifica-se um alto grau de diferenciação semântica na natureza dos estados-de-coisas, no sentido de que, com exceção de sua contiguidade sociofísica, apresentam eventos, ações, estados e, em alguns casos, também sujeitos de natureza semântica distinta. A relação temporal no mundo sociofísico é praticamente o único aspecto em que mostram similaridade. Como exemplo, retomamos o exemplo (23) apresentado acima, no qual, enquanto o primeiro estado-de-coisas descreve ações executadas por um sujeito animado, as lavadeiras, bem como objetos sobre os quais suas ações incidem e o estado físico que apresentam, o segundo trata de características do ambiente em que elas trabalham, constituindo-se, portanto, de um sujeito inanimado.

Por outro lado, no padrão de compatibilidade dupla e, sobretudo, no padrão só compatível com contraste, tem-se um alto grau de similaridade semântica entre os estados-de-coisas, que

pode ser observado por meio da equivalência dos elementos integrantes de cada conjunto em termos dos campos semânticos a que pertencem. Em (30), por exemplo, ambos os conjuntos se constituem de nomes referentes a espaços geográficos (*Inglaterra* e *monarquias continentais*), que são termos chave da oposição que acompanha a relação temporal nessa construção, e de características atribuídas a recursos financeiros, expressas pelos modificadores *imensos e incríveis* e *esgotadas*. De modo similar, em (33) – para observar uma construção distinta do ponto de vista sintático e textual –, ainda que estejam em relação sujeitos novamente distintos, são igualmente seres animados – uma mulher e seu marido, e é a relação de cada um com a nova vida no Brasil que constitui o IC da construção. Sendo essa relação o alvo da comparação e oposição, ambos os estados-de-coisas ligados por *ao passo que* são construídos a partir de elementos lexicais pertencentes a campos semânticos similares, que buscam descrever seus comportamentos e processos particulares de adaptação ao novo país.

O alto grau de similaridade semântica entre os conjuntos nos contextos temporal-contrastivos é decisivo à configuração de um IC e ao enriquecimento de *ao passo que* em termos de contraste, porque com ela a perífrase passa a ser empregada em um arranjo contextual típico de relações de antonímia, que no âmbito oracional se expandem para relações de oposição. Conforme Murphy (2003), as relações fundadas em antônimos semânticos são relações de similaridade máxima e diferença mínima. Dessa forma, apesar de haver blocos semânticos preenchidos com termos diferentes na superfície linguística, a estrutura de significado subjacente à relação de antonímia é constante em ambos os conjuntos.

A partir do que foi observado em relação a como cada uma dessas dimensões semânticas, similaridade e diferença, manifesta-se nos diferentes tipos de contextos com *passo*, evidencia-se que a mudança de tempo a contraste envolve uma inversão nos graus de proeminência de cada uma. Nos contextos somente compatíveis com tempo, a similaridade entre os conjuntos é mínima, ficando circunscrita ao compartilhamento do domínio sociofísico, enquanto o grau de diferença entre eles é elevado, no que diz respeito aos processos e experiências descritos. Já nos contextos de compatibilidade dupla e de compatibilidade exclusiva com contraste, os conjuntos ganham em similaridade semântica, passando a descrever processos e experiências de mesmo domínio conceitual – passam a se unir a um IC –, enquanto a dimensão de diferença se torna centralizada na oposição estabelecida no âmbito do IC.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, buscamos explicações para a evolução de *passo*, nome pleno indicativo de movimento no espaço, a *ao passo que*, conjunção contrastiva especializada em oposição antonímica, norteadas por duas questões centrais: uma relativa ao elo entre a semântica nominal e a semântica de contraste e outra relativa às propriedades de *passo* que predispuseram as mudanças rumo ao paradigma dos conectores. Os resultados do mapeamento longitudinal revelam que a emergência de *ao passo que* contrastivo é precedida pela evolução do nome pleno a perífrase temporal, evolução possibilitada por extensões pragmáticas do significado espacial de origem, que tornam esse significado mais genérico e apto à expressão de movimentos diversos. O processo de enriquecimento de significados culmina com a reinterpretação de movimentos no espaço como momentos no tempo. Na morfossintaxe, esse processo é acompanhado pelo ganho de potencial juntivo, com perda gradual de propriedades nominais, dada a função de encapsulamento anafórico adquirida por *passo* como nome *shell*, e pela expansão do escopo sintático, já que os usos do nome se expandem para contextos nos quais encabeça complexos oracionais, etapa preparatória para a fixação distribucional e a reanálise como conjunção subordinativa temporal. É a partir da nuança de simultaneidade temporal resultante da evolução do nome em conjunção que a perífrase ganha condições de atravessar mudanças direcionadas a contraste.

Conforme foi defendido, tanto os usos temporais como os usos contrastivos de *ao passo que* apresentam similaridade e diferença como componentes de significado elementares. Propomos que essa semelhança deriva de uma estrutura *Gestalt*, de natureza metonímica, partilhada por simultaneidade e oposição. Conforme Langacker (2006), estruturas *Gestalt* são estruturas conceituais ancoradas em padrões perceptuais globais subjacentes ao uso da língua, que

levam os falantes a conceberem as unidades linguísticas como unidades holísticas. Do ponto de vista da mudança, a estrutura *Gestalt* se revela na retenção de operações mentais imanentes tanto ao significado original como ao significado derivado, de modo que os significados de formas mais gramaticais residem em operações mentais conceitualizadas já nos significados de suas fontes (mais) lexicais (Langacker, 2006, p. 29). A relação de simultaneidade expressa na fonte da trajetória aqui investigada deve ser entendida, antes de tudo, como um tipo de similaridade no tempo e, portanto, implica uma relação comparativa, já que a identificação de qualquer aspecto de similaridade, tal como a similaridade no intervalo temporal de desenvolvimento, apenas é possível pela comparação de ao menos duas entidades. Assim, a descrição de dois estados-de-coisas como simultâneos passa pela comparação dos intervalos temporais em que se desenvolvem e pela constatação de que esse é um aspecto de similaridade entre eles.

A relação comparativa, entretanto, é apenas uma presença virtual na fonte, uma operação mental que faz parte da formulação conceitual de simultaneidade. Na expressão de oposição antonímica, por outro lado, ela é significado nuclear – já que a comparação é o traço elementar das relações de contraste –, ficando evidente sua proeminência comunicativa nos vários traços linguísticos por meio dos quais se atesta o alto grau de similaridade semântica entre os conjuntos ligados por *ao passo que* marcador contrastivo. Os vários paralelismos funcionais e estruturais que resultam dessa similaridade refletem, na materialidade linguística, a proeminência de um IC, enquanto parâmetro regente da relação comparativa.

Nessa via explicativa, enquanto um esquema conceitual presente em ambos os significados fonte e alvo do percurso de *ao passo que*, a relação comparativa permite entender por que ambos exibem uma dimensão de similaridade e uma dimensão de diferença. Há, no entanto, uma distinção fundamental entre eles: na fonte, a comparação é circunscrita ao eixo temporal, que atua como parâmetro comparativo fixo, e focaliza, sob esse critério, a similaridade entre estados-de-coisas; no alvo, o critério comparativo, representado pelo IC, é *variável* – como discutido, o IC é muito particular a cada construção opositiva – e o foco comunicativo incide sobre a desigualdade entre os estados-de-coisas no domínio do IC.

Observa-se, desse modo, que, enquanto a relação comparativa é preservada na evolução de tempo a contraste, com ganho de proeminência comunicativa, há uma alteração substancial no parâmetro em que se alicerça, alteração que indicia a subjetivização de *ao passo que* no percurso de marcador temporal a marcador contrastivo: a comparação fundada na similaridade temporal de dois estados-de-coisas é mais objetiva (ou menos subjetiva), dado que se trata de um aspecto constitutivo dos estados-de-coisas passível de observação na realidade sociofísica; em contrapartida, a comparação ancorada na desigualdade de dois estados-de-coisas no domínio de um IC é essencialmente mais subjetiva, pois, ainda quando estão em confronto estados-de-coisas materiais, o IC é sempre subjetivamente selecionado pelos falantes/ escreventes, que recrutam eventos sem relação imediata em uma dada realidade sociofísica para relacioná-los sob um viés opositivo – concebido em meio às crenças subjetivas e ao conhecimento de mundo que guiam os indivíduos em sua percepção do mundo (Sweetser, 1991; Lang, 1984, 2000).

Verifica-se, assim, que um conjunto de afinidades conceituais está na base das mudanças – primeiro, as afinidades entre os domínios do espaço e do tempo, que possibilitam o estágio evolutivo precursor, e, posteriormente, as afinidades entre os valores de simultaneidade e oposição, que possibilitam o avanço da trajetória ao domínio de contraste –, mas com remodelações importantes das estruturas conceituais envolvidas. Essas remodelações, como defendemos, têm lugar nos contextos associados à dupla compatibilidade com os significados temporal e contrastivo.

A importância de tais contextos para a mudança é evidenciada no fato de que, apesar da relevância de afinidades conceituais, é no uso da língua que elas ganham espaço de interação na materialidade linguística. É apenas o funcionamento em contexto que permite a uma dada forma ter seu significado convencional atualizado a cada novo ato de dizer/escrever conforme contingências interacionais várias e, a partir dessa atualização, possivelmente atravessar extensões pragmáticas. Conforme Seção 5, os contextos de dupla compatibilidade ainda se caracterizam pela sobreposição temporal dos estados-de-coisas, mas a ela se soma a presença de um IC, que instancia, à maneira dos contextos alvo, um grau elevado de similaridade semântica entre os conjuntos relacionados por *ao passo que*. Isso significa que, em tais contextos, a relação

comparativa é pautada tanto no critério temporal fixo dos usos fonte como no critério variável estabelecido por um IC nos usos alvo. Com isso, a estrutura comparativa apenas virtualmente disponível na fonte ganha correlatos linguísticos que viabilizam sua ascensão ao primeiro plano dos significados. Confirma-se, assim, a relevância do viés pragmático diacrônico para a compreensão da trajetória evolutiva de *passo*, já que a fluidez dos significados foi o que tornou possível a compreensão dos elos conceituais buscados.

REFERÊNCIAS

BYBEE, Joan. *Language, usage and cognition*. New York: Cambridge University Press, 2010.

CASTRO, Ivo. *A estrada de Cintra*. Lisboa: Imprensa Nacional, 2017.

CRISTOFARO, Sonia. *Subordination*. New York: Oxford University Press, 2003.

DIEWALD, Gabriele. A model for relevant types of contexts in grammaticalization. In: WISCHER, Ilse; DIEWALD, Gabriele (Ed.). *New reflections on grammaticalization*. Amsterdam: Benjamins, 2002. p. 103-120.

DIEWALD, Gabriele; KRESIC, Matija; SMIRNOVA, Elena. The grammaticalization channels of evidentials and modal particles in German: integration in textual structures as a common feature. In: HANSEN, Maj-Britt Mosegaard; VISCONTI, Jacqueline (Ed.). *Current trends in diachronic semantics and pragmatics*. Bingley: Emerald, 2009. p. 189-209.

DUCROT, Oswald. *Princípios de semântica linguística*. São Paulo: Cultrix, 1977.

ERNOUT, Antoine; MEILLET, Antoine. *Dictionnaire étymologique de la langue latine*: histoire des mots. Paris: Librairie Klincksieck, 1951.

FERRARI, Luísa. *Coordenação oracional contrastiva: processos de constituição e regularidades de mudança*. 2024. 263 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, São José do Rio Preto, 2024.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood; MATTHIESSEN, Christian. *An introduction to functional grammar*. London: Edward Arnold, 2004.

HANSEN, Maj-Britt Mosegaard; VISCONTI, Jacqueline. (Eds.) *Current Trends in Diachronic Semantics and Pragmatics*. Emerald Group Publishing Limited, 2009.

HEINE, Bernd. *et al. Grammaticalization*: a conceptual framework. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

HEINE, Bernd. On the role of context in grammaticalization. In: WISCHER, Ilse; DIEWALD, Gabriele (Ed.). *New reflections on grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 2002. p. 83-101.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. São Paulo: Objetiva, 2009.

JACOBS, Anne; JUCKER, Andreas. The historical perspective in pragmatics. In: JUCKER, Andreas (Ed.). *Historical pragmatics*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 1995. p. 3–33.

KORTMANN, Bernd. *Adverbial subordination*: a typology and history of adverbial subordinators based on European languages. Berlin, New York: Mounton de Gruyter, 1997.

LAKOFF, Robin. If's And's and But's about conjunction. In: FILLMORE, Charles; LANGEDOEN, Don (Ed.). *Studies in linguistic semantics*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1971. p. 114–149.

LANG, Ewald. *The semantics of coordination*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1984.

LANG, Ewald. Adversative connectors on distinct levels of discourse: a re-examination of Eve Sweetser's three-level approach. In: COUPER-KUHLEN, Elisabeth; KORTMANN, Bernd (Ed.). *Cause, condition, concession, contrast: cognitive and discourse perspectives*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2000. p. 235-256.

LANGACKER, Ronald W. Subjectification, grammaticization, and conceptual archetypes. In: ATHANASIADOU, Angeliki; CANAKIS, Costas; CORNILLIE, Bert (Ed.). *Subjectification: various paths to subjectivity*. Berlin/Boston: De Gruyter Mouton, 2006. p. 17-40.

MANN, William C.; THOMPSON, Sandra A. Rhetorical structure theory: toward a functional theory of text organization. *Text: Interdisciplinary Journal for the Study of Discourse*, v. 8, n. 3, p. 243-281, 1988.

MAURI, Caterina. *Coordination relations in the languages of Europe and Beyond*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2008.

MAURI, Caterina; RAMAT, Anna Giacalone. The development of adversative connectives in Italian: stages and factors at play. *Linguistics*, Antwerp, v. 50, p. 191-239, 2012.

MAURI, Caterina; AUWERA, Johan. Connectives. In: ALLAN, K.; JASZCZOLT, K. (Ed.). *The Cambridge Handbook of Pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012. p. 377-401.

MEILLET, Antoine. L'évolution des formes grammaticales. *Scientia: Rivista Internazionale di Sintesi Scientifica*, Bologna, v. 12, n. 26, p. 131-148, 1912.

MURPHY, M. Lynne. *Semantic Relations and the Lexicon*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

NARROG, Heiko; HEINE, Bernd. *Grammaticalization.* Oxford: Oxford University Press, 2021.

RAMAT, Anna Giacalone; MAURI, Caterina. The grammaticalization of coordinating interclausal connectives. In: HEINE, B; NARROG, H. (Eds.) *The Oxford Handbook of Grammaticalization*. New York: Oxford University Press, 2011, p. 1-9.

SCHMID, Hans-Jörg. *English Abstract Nouns as Conceptual Shells*: *From Corpus to Cognition*. Berlin / New York: Mouton de Gruyter, 2000.

SCHWENTER, Scott. *Pragmatics of conditional marking*: implicature, scalarity, and exclusivity. London: Routledge, 1999.

SWEETSER, Eve. *From etymology to pragmatics*: metaphorical and cultural aspects of semantic structure. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; DASHER, Richard B. *Regularity in Semantic Change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

ANEXO: Relação dos textos da Amostra 2

Textos Argumentativos

XVIII-1	COBR – Cultura e opulência do Brasil; HAPO – História da América Portuguesa; CAVI – Café vingado; CNPA – Compêndio narrativo do peregrino da América; RVRJ – Relação da vitória que os portugueses alcançaram no Rio de Janeiro; HIFU – História do futuro; SEVD – Sermões e vários discursos; SEVT – Sermões e vários tratados.
XVIII-2	FBI2 – O fazendeiro do Brasil - tomo I, parte 2; FBI1 – O fazendeiro do Brasil - tomo I, parte 1; REVH – Reflexões sobre a vaidade dos homens; EECP – Ensaio econômico sobre o comércio de Portugal; MCAL – Memória sobre a cultura dos algodoeiros; MEPN – Memórias e extratos sobre a pipereira negra; DERBR – Discurso sobre o melhoramento da economia rústica do Brasil; DCAMSV – Dissertação sobre a capitania de Santo Amaro e São Vicente; MHCSP – Memória histórica da capitania de São Paulo; DCSPD – Dissertação sobre a capitania de São Paulo e sua decadência; DVIBSP – Diário de viagem; DEQB – Descrição da grandiosa quinta dos senhores; CACB – Cultura americana que contém uma relação do terreno, clima, produção e agricultura das colônias britânicas.
XIX-1	MNUPNB – Memória sobre a necessidade e utilidades do plantio de novos bosques em Portugal; MNAIEA – Memória sobre a necessidade de abolir a introdução dos escravos africanos no Brasil; MCBRD – Memória sobre as principais causas por que deve o Brasil reassumir seus direitos e reunir as suas províncias; MBPOL – Memória dos benefícios políticos do governo de nosso el-rey nosso senhor D. João VI; FBIII3 - O fazendeiro do Brasil – tomo III, parte 3: bebidas alimentosas – cacau; FBII1 – O fazendeiro do Brasil – tomo II, parte 1: anil e urucu.
XIX-2	ECLB – Estudo comparativo de literatura brasileira; FBEC – Filosofia no Brasil: ensaio crítico; ALCB – Aspectos da literatura colonial brasileira; HGB – História geral do Brasil antes de sua separação e independência de Portugal.
XX-1	ESL – Ensaios de sociologia e literatura; JCOS – Juízos críticos de *O sertão;* CSCA – Conferências da Sociedade de Cultura Artística; PRDE – Provocações e debates; HCRJ – História da cidade do Rio de Janeiro.
XX-2/ XXI	REBB – A revolução burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica; HGCB – História geral da civilização brasileira, tomo II, volume 7.

Conversação espontânea

XVIII-1	CPRJ - Cartas particulares naturais do Rio de Janeiro; CALI - Cartas de aldeamentos de índios; COPE - Cartas oficiais de Pernambuco; CORN - Cartas oficiais do Rio Grande do Norte; COMC – Cartas de militares e Capitão Mór.
XVIII-2	CPRJ - Cartas particulares naturais do Rio de Janeiro; CPCP – Correspondências paulistas de circulação pública; CPMG – Cartas pessoais de Minas Gerais; CMPO – Cartas pessoais de mercadores portugueses; AVCG – A vingança da cigana.
XIX-1	CPJBAN - Correspondência passiva de José Bonifácio de Andrada e Silva; CPFRT - Correspondências particulares do Fundo Rafael Tobias de Aguiar; CPBA – Cartas particulares da Bahia; CPMR – Cartas particulares de vários autores; CPRJ – Cartas particulares do Rio de Janeiro; CPMG – Cartas particulares de Minas Gerais; CPPE – Cartas particulares de Pernambuco; CAAN – Cartas andradinas; PCRJ – A plantação de café no Rio de Janeiro; MORE – A moreninha; OMLI – O moço loiro; OMLII – O moço loiro, tomo II; OTPV – O tumulto do povo em Évora; IRAL – Os irmãos das almas; ERCL – Ernesto e Clara; OJPR – O juiz de paz na roça; ONOV – O noviço.
XIX-2	CPBA – Cartas particulares da Bahia; QMIN – Quase ministro; APRO – A probidade; OMDE – Os mineiros da desgraça; OMSJR – Os milagres de S. José de Riba-Mar; OVM – O verdadeiro matrimônio; REPE – Remissão de pecados; ATEC – A torre em concurso; LEV – Luxo e vaidade; CQL – Cincinato quebra-louça; OCOR – O cortiço; QUBO – Quincas Borba.
XX-1	CPBA – Cartas particulares da Bahia; CPOR – Cartas particulares da Bahia (Otto e René); LCDA – Luizinha, comédia em dois atos; QNPDA – Quem não perdoa e Doidos de amor; LST – Libertas que será tamen, drama em quatro quadros; MLZT – Malazarte; REIC – Recordações do escrivão Isaías Caminha; OQUI – O quinze; CLAN – Clara dos anjos; ACEC – A correspondência de uma estação de cura; CAAR – Capitães da areia.
XX-2/ XXI	CPFF – De fã para fã: cartas particulares; CPSC – Cartas pessoais de Santa Catarina; CPSCHL – Cartas pessoais de Santa Catarina; CPPE – Cartas pessoais de Pernambuco; CABA – Cartas de amor na Bahia; CPRN – Cartas particulares do Rio Grande do Norte; ORCO – Orfeu da Conceição; AMMO – A menina morta; COBR – Cordélia Brasil; AJDE – Abre a janela e deixa o sol puro e o sol da manhã entrar; OCSI – O cão siamês; FEAV – Feliz ano velho; BARR – Barrela; AMRO – A mancha roxa; HOPA – Homens de papel; NACA – Navalha na carne; DPNS – Dois perdidos numa noite suja; OCMO – O caso Morel; GACC – Gabriela cravo e canela.

Recebido: 19/6/2025
Aceito: 6/8/2025
Publicado: 12/9/2025